

O FOLCLORE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA: POTÊNCIAS REFLEXIVAS A PARTIR DA ATUAÇÃO EXTENSIONISTA NO NUFOLK - UFPEL

1ESTER MARCELINO BATISTA; 2THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS

¹Universidade Federal de Pelotas – ster.mbatista@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo trata-se de um relato da minha experiência como extensionista do Núcleo de Folclore da UFPEL, enquanto acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, especialmente da minha atuação na Semana do Folclore no ano de 2019, realizada desde 2012 por esse núcleo no âmbito da Universidade Federal de Pelotas.

O Núcleo de Folclore da UFPEL foi criado em 2010 e é coordenado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, fazendo parte da composição do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Tem seu foco bastante voltado à dança e música e atua na promoção e difusão do folclore, da cultura e artes populares brasileiras. Como refletido por Jesus (2012), o folclore "pode ser encarado como um dos saberes (fazeres) que é resultado de produção cultural coletiva", sendo este núcleo, portanto, um importante ponto de difusão do folclore juntamente com seus parceiros.

A Semana do Folclore acontece anualmente, sempre na semana do dia 22 de Agosto, Dia Internacional do Folclore, que é comemorado mundialmente. Tive a oportunidade de participar como bolsista extensionista da Semana do Folclore do ano de 2019 e refleti sobre a importância de entendermos como essas atividades de extensão, em especial as que realizei na referida Semana, abrem possibilidades ao futuro educador de sociologia para elaboração de suas práticas, pois possibilitam o contato com diferentes extratos da comunidade também, além da temática em si:

Estas experiências auto-refletoras são tomadas como exemplos para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico na área do folclore que é permeado pelo estímulo à valorização de cada sujeito, entendendo cada aluno a partir de sua trajetória pessoal e sua autonomia enquanto cidadão cultural. (JESUS, 2012)

Este trabalho pretende, portanto, fazer uma breve relato de experiência, juntamente com uma construção narrativa sobre meu trabalho extensionista na Semana do Folclore de 2019 nas escolas, e de como estas alavancaram a minha leitura sobre as possibilidades de atuação como professora de sociologia futuramente.

2. METODOLOGIA

Metodologia de escrita: Utilizo-me do relato de experiência como metodologia de escrita, trazendo um registro fotográfico de uma atividade como forma de ilustrar o momento e a expressão dos participantes. Nesta escrita, na sessão Discussões, escreverei minhas subjetivações a respeito dos momentos que mais me chamaram a atenção.

Metodologia das práticas: Darei mais enfoque às oficinas de Contação de Histórias e Dobraduras, com as quais trabalhei como responsável-ministrante da atividade, passei por formação anterior juntamente ao grupo PET - GAPE e, portanto, tive um contato mais próximo com a atividade.

A primeira etapa desta oficina se dá nos encontros que eu e a minha colega Tamara Nunes, também extensionista do NUFOLK, tivemos com o grupo PET - GAPE para aprendermos técnicas de dobraduras em papel para retratar personagens do folclore brasileiro, além de contar suas lendas, selecionar textos coerentes com a faixa etária dos estudantes, observação de entonação e ritmo da voz, entre outros aspectos.

A segunda etapa deu-se no contato com as escolas da Rede que habitam o entorno do Núcleo do Folclore da UFPEL para convidá-las a participar da Semana do Folclore, que contou com doze atividades em períodos diferentes, sendo três de Contação de Histórias e Dobraduras direcionadas a três escolas da Rede Pública de Educação Básica de Pelotas.

A terceira etapa trata-se da realização da atividade: diretamente na escola, no Núcleo de Folclore da UFPEL e no Laboratório de Multilinguagens – LAM (UFPEl), no Campus Anglo.

A quarta etapa trata-se da realização propriamente dita da atividade:

i. apresentamos o Núcleo de Folclore, contamos um pouco da história da Semana do Folclore e do Dia do Folclore;

ii. realizamos contação de estórias da lenda da Mula Sem Cabeça e da lenda do Lobisomem para os alunos maiores, do Boitatá para os pequenos e repetimos a experiência com a Mula com outra turma de grandes.

ii. perguntamos aos estudantes o que eles sabem sobre as lendas, detalhes sobre a aparência física das personagens, suas nuances e o enredo das histórias. Questionamos também, em alguns momentos, pontos sobre onde as lendas são criadas, quem as conta, para que servem.

iii. com a sala dividida em dois ou três grandes grupos, ensinamos os estudantes a dobrarem as personagens, pintando com giz de cera logo em seguida. Durante a parte prática os estudantes ficaram livres para interagirem e conversarem uns com os outros. Na atividade realizada na sala do NUFOLK, os pequenos puderam conhecer um pouco do nosso acervo de livros de lendas folclóricas brasileiras.

A quinta e última etapa se deu na despedida dos estudantes, no registro fotográfico do momento e no convite para novas visitas ao Núcleo de Folclore da UFPEl e para conhecer nosso acervo de livros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como bolsista de Iniciação à Extensão e Cultura, destaco primeiramente o ganho pessoal em ter contato com um projeto que trabalha diretamente com a comunidade. A noção de pertencimento de classe e a possibilidade de exercer minha fala a partir de epistemologias não/contra-hegemônicas, que enfrentam o conteudismo e a educação vertical foram muito enriquecedoras.

Vale destacar o que a pesquisadora Rosemary Dore escreve a respeito da perspectiva gramsciana sobre o conceito de hegemonia:

A hegemonia é o exercício da direção intelectual e moral da sociedade. Por isso, Gramsci ressalta a importância de um movimento intelectual que difunda novas concepções de mundo, capazes de elevar a consciência civil das massas populares e de produzir novos comportamentos para que elas não se submetam à direção do Estado capitalista. (DORE, 2016)

A foto abaixo ilustra um momento bastante significativo na atividade realizada no NUFOLK, quando a estudante já havia dobrado todas as partes da Mula Sem Cabeça e estava com dificuldades para colar o fogo em sua cabeça.



Figura 1 - Dobrando Mula Sem Cabeça durante a Oficina realizada no NUFOLK (Semana do Folclore - 2019)

Nesse momento, ficou evidente o quanto o trato de seus dedos no papel se aprimorava de acordo com a atenção que eu dispunha na explicação, respondendo suas dúvidas de criança, como: O fogo tem que ser só dessa cor? Essa é a parte da frente ou de trás da mula? Como eu colo esse fogo de forma correta?

Antes de pintarem os papéis a serem dobrados, conversamos todos e todas sobre as cores que uma mula habitualmente tem e as cores que ela poderia ter (se deixarmos a cabo de nossa imaginação e nosso poder de criação). O que desejo sublinhar com isso é que já havíamos discutido anteriormente sobre as possibilidades de cores que eles poderiam pintar suas mulas, as do bicho real e as cores-fantasia, como as de um unicórnio, por exemplo.

Em um olhar pedagógico, o que ela estava tentando me mostrar nesse momento era que precisava de um contato direto com a minha pessoa para de fato conseguir colar o fogo na cabeça da mula, demonstrando mais ou menos facilidade de acordo com a atenção que eu dava para as suas perguntas.

À primeira vista, achei que ela estava com o famoso 'papo furado', já que já havíamos discutido sobre as cores. No entanto, ela mostrou que ela é quem puxaria a conversa, mesmo que indagando sobre coisas que ela mesma já sabia. E mais, que seu desempenho dependia do afeto que eu colocaria na atenção que estava lhe dando naquele momento.

Entendo isso, portanto, como um momento de relação de aprendizado não-hegemônica e horizontal entre educadora-educanda, pequena e adulta, onde minha 'falta de preparo' para dizer 'a coisa certa', pois 'sou aicineira responsável' e 'sou adulta, devo saber sempre o que dizer', foram substituídos pelo protagonismo da pequena, que também já deve ser reconhecida como sujeita ativa e construtora de sua autonomia cotidianamente.

Diante dessa reflexão, penso que, no que toca a iniciação à extensão e cultura, as atividades com crianças pequenas e adolescentes vêm como uma novidade para as ciências sociais. As pessoas enquanto sujeitos e sujeitas, enquanto coletivos e grêmios estudantis, só tem contato com uma discussão sobre a sociedade, mediadas por um educador graduado na área quando estão com 15 anos. Os argumentos de que as temáticas são densas para os menores são válidos no que toca a massividade das atuais teorias sociológicas dominantes e a falta de preparo dos educadores a respeito de diferentes pedagogias emancipatórias.

4. CONCLUSÕES

Escrevo agora de forma bastante personalista ainda, uma vez que não me aprofundarei nesse momento em como a sociologia de fato se expressou nessas atividades. Como representante dela estava meu corpo, minha fala, meus gestos, com registros do meu aprendizado na área nesses quatro anos de graduação.

Não deixarei de falar brevemente, porém, que nesse sentido o folclore se mostra potente como espaço de discussão sobre essas abordagens sociológicas, deixando viver o lúdico, o performático e o curioso a respeito dos fatos engendrados no tecido social. Através das lendas, das parlendas, da dança, das manifestações populares, tantos os futuros educadores quanto os educandos entram em contato com temáticas sociológicas e antropológicas como a diversidade, as corporeidades, o movimento, a arte, a preservação da natureza, abrindo espaço também para a construção de críticas necessárias ao autoritarismo, ao racismo, às opressões e a urgência de entendermos como a branquitude tóxica propaga algumas destas últimas questões.

Aplicado em projetos de extensão, o folclore tem potência elevada no que toca a temas sobre a sociedade, a cultura e a política. O folclore se mostra potente como um espaço de discussão sobre essas abordagens sociológicas, conversando com o lúdico, o performático e o curioso à respeito dos fatos engendrados no tecido social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI E O DEBATE SOBRE A ESCOLA PÚBLICA NO BRASIL Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 329-352, set./dez. 2006 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FOLCLORE COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA: O TRABALHO DO NÚCLEO DE FOLCLORE DA UFPEL Seminário de Extensão Universitária da Região Sul - Rio Grande, RS 2012.